



ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.  
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre—9\$50 Ano 19\$00.  
ESTRANGEIRO: semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

NUMERO AVULSO, 30 cts.

Redação, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

## Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos, pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.<sup>ta</sup> Justa, 80



**ANEMIA**  
DEBILIDADE. NEURASTHENIA, TISICA  
Todos os Medicos proclamam que  
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)  
de Hemoglobina  
CURAM SEMPRE

## Plissados

Executam-se pelo systema de Paris na

RUA DO AMPARO, 66, 3.º, E.

## Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-  
mante e fisionomista da Europa

## Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fiziologia e pelas applicações praticas das teorias de Gali, Lava ter, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 2500, 10800 e 13800.



## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos p. ra resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Clmo da rua d'Alegria, prédio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS do "SECULO"

Preço: 20 centavos

## Prisão de ventre

Cura-se em poucos dias com as Aguas Mineraes de Santa Martha (Ericeira) bebendo-se de manhã em jejum quentes a banho-maria e em clisteres tambem a banho-maria, e ás refeições e nos intervalos toma-las a frio.

São as melhores na cura do Estomago, Rins, Fígado, Bexiga, Obesidade, Pele e Purgações.

Deposito Geral  
RUA AFONSO D'ALBUQUERQUE, 4  
LISBOA

## PLISSADOS

Em todo o genero, os mais perteiros 20 anos de pratica

Madame Valente

Conde Barão, 93, 1.º — Telef. 3845  
Filial: C. do Duque, 3, s/1 (ao Rocio)

## Maquinas de Escrever "REX"

MODELO 10

As mais aperfeiçoadas! As mais resistentes! As de teclado mais pratico e completo! — Agentes exclusivos:

J. ANÃO & C.ª L.ª Rua dos Fanqueiros 376, 2.º

O melhor reconstituente para adultos e creanças é a

## Calcina Triplice

Os lymphaticos devem preferir a Calcina com Iodo; os anemicos, a Calcina com Ferro; os astheniados, a Calcina com ar-rhenol.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 807

Lisboa, 6 de Agosto de 1921

30 centavos



## UM RETRATO NOTAVEL

Pintado pelo conhecido artista francês, Jean Gabriel Domergue, e exposto no «Salon». Este quadro que o artista intitulou «Retrato de minha mulher» tem obtido os aplausos de todos. É uma grande e verdadeira obra de arte.

CAPA: — M:SS TEDDY GERARD, atriz inglesa muito aplaudida e admirada.



# Cronica da Semana

**C**ONTINUA o Novo Mundo a dar-nos lições, que muito conviria aproveitar; assim, uma sociedade americana acaba de conceder a Madame Curie uma pensão anual equivalente a trinta contos da nossa moeda.

Chama-se a isto ser pratico e encontrar a verdadeira forma de apreciar o merito; ao passo que a Europa dedica á illustre sabia o melhor da sua literatura encomiastica, sem cuidar senão de a enaltecer e de enaltecer, por tabela, a raça a que pertence, a America, raciocinando que o homem (assim como a mulher, naturalmente) não vive de lérias, manifesta a sua admiração e a sua gratidão garantindo-lhe o pão nosso de cada dia.

Entre nós, só sabemos de um exemplo semelhante: certa pessoa da nobreza, conhecida pelo seu amor aos artistas e ela propria artista de valor, lembrou-se um dia de premiar uma escritora... dando-lhe um predio. Mas foi caso unico, repetimos; taças em certames poeticos, diplomas de socios de academias literarias e scientificas, o retrato nos periodicos, a homenagem sonora e ôca prestada indiferentemente a quem fez um soneto ao dedo meiminho da sua amada ou a quem descobriu uma nova lei cósmica, tudo isso aqui se dá com prodigalidade; não consa, porém, que alguém se tenha desapossado dum simples quarto em agua-furtada para recompensar um genio — e é talvez por isso que eles rareiam em Portugal.

Quem ha aí que desejasse a gloria de ter escrito *Os Lusíadas*, com a condição de morrer á fome?

**C**OMEMORA-SE hoje mais um aniversario da fundação do *Museu Bordalo Pinheiro*, ao Campo Grande, devido á intelligente tenacidade de Cruz Magalhães e estamos certos de que o festejado poeta ali receberá nesta ocasião a visita de toda a Lisboa culta. Cruz Magalhães, na sua obra, encarregou-se de avivar constantemente o culto pelo grande caricaturista; não deixa que o esqueçam e bem haja na devoção, que a não ha mais patriótica: em Bordalo aprender-se-ha sempre, Bordalo deve ser visto e meditado em cada hora, porque apontou erros e castigou vicios de todos os tempos.

Hoie, mais do que nunca, impõe-se uma romaria ao Museu; quem sabe se, depois da permanencia duradoura e reflectida d'alguns politicos, entre as obras primas do mestre, o cambio não virá a melhorar?

**T**EMOS em nosso poder, por amabilissima oferta dos autores, alguns livros dos quaes iremos dando as sucintas noticias compatíveis com o espaço de que dispomos, sempre que um dos exemplares seja remetido á biblioteca do «Seculo».

Dos recebidos na ultima semana destacamos os volumes IV e V, da preciosa colecção de redondilhas escritas para o povo por Antonio Corrêa de Oliveira, com o titulo de *Na hora incerta da nossa patria*, e transcrevemos um formoso trecho do segundo, *A fala que Deus nos deu*:

*Dôce Língua, abrindo em rosa;  
De quantas no mundo são  
A mais sábia e mais formosa:  
Mais digna de ser Espôsa  
Do Pensamento varão.*

*Foste a leal companheira  
Dos meus Avós: quantas vezes,  
— Tuba de ouro, á dianteira—  
Junto a Deus, á sua beira,  
Chamavas os Portuguezes!*

*Foste, a arrotear a vida,  
Mais do que a enxada profunda;  
Dôce pão que nela abunda,  
Veio da alma revolvida  
Pela Palavra f-cunda.*

*Foste — a abrir-nos o caminho —  
Mãe do que em mão de gigante,  
Bronze a espada chamejante...  
— O' rôla dentro do ninho!  
O' leão dilacerante!*

*Toda a Harmonia celeste  
Resumes num grito: — Deus! —  
E a terra a Deus estendeste  
Quando pensaste e disseste:  
— Patria! Patria! — ao mundo e aos ceus.*

A's numerosas pessoas que nos escrevem sôbre assuntos da «*Ilustração Portuguesa*» avisamos de que não somos aqui mais de que modestos cronistas, sem nenhuns poderes directoriais e que, por consequencia, devem enviar a sua correspondencia a quem de direito.



Acacio de Paiva





# Os Vitraes

MILAGRES  
DE  
LUZ

E DE  
POESIA

QUANTO de sonho, quanto de mirífica poesia não passa n'um d'esses vitraes, n'uma d'essas rosaceas multicores, quando suavemente cendrada a luz, vem languidamente resar nas lageas ou no sobrado de uma velha catedral?! E na nossa mente ergue-se, n'um frizo de legenda, ierno e adorador, toda a Edade Média, com os seus amores, com as suas cavalarias, com os seus feiticeiros e encantadores, com todo o seu cortejo de misterics e milagres.

Uma rosacea é uma grande flôr, flôr misteriosa, flôr encantada que conduz as almas a Deus e desabrocha o culto de Deus nas almas. Como são lindos os vitraes!



O Pentacostes por Cl. Henriot (St. Etienne du Mont)

Durante a guerra estes e outros belos vitraes das egrejas de Paris estiveram cuidadosamente resguardados. Hoje vivem de novo nos seus logares.

compreender a alma da côr e pintar no vidro as ingenuas côrtes celestiais, os santos milagreiros e as santas cheias de lendas e de misterismo.

Toda a alma da Edade Média passa naqueles esmaltes ingenuos, vive na sua luz encantada, perfuma todo o mundo onde irradia. E tão belos os vitrais, que, quando as Bertas bombardeavam Paris e sobre a «cidade-luz» pairavam os «gothas», a França pôs os seus vitrais a bom recato. E agora, quando a guerra acabou, todas essas frageis maravilhas foram reunidas numa exposição no Petit Palais, antes de serem novamente colocadas nos seus

A França é o paiz do vitral. A França e a Italia, mas foi a França quem melhor soube

lugares. E todo o Paris, o Paris que estuda e o Paris que se diverte, todo o que admira e sente e gosa, desfilou perante as velhas janelas, diante das maravilhas a que os operarios dos tempos idos deram eterna vida. A alma da França de hoje passeiou reverente ante a alma da França do passado.





Um vitral moderno irlandês

O assunto dos vitrais? Mas todos os santos e santas da côrte do céu. A vida de Jesus, especialmente a crucificação com Maria Madalena aos pés, chorando. A vida das Virgens, delicioso romance que as almas enebria. A vida de todos os santos e santas, com suas lendas e martírios, com sua tragedia que as alçapremou ao céu. E ha nos vitrais bispos, gente do povo, reis, homens de a mas, ricas donas, animais ferozes, épicas scenas de cavalaria. Os vitrais dizem tudo e são paginas de história que a luz anima e poetisa. E são também curiosos documentos da alma ingenua popular.

Cada santo tinha na Edade-Média o seu officio de velar por uma grei especial. Um era pelos tísicos, outro pelos sapateiros, outro pelos cães danados. Um para a peste, outro para a febre, outro ainda para advogar junto do infinito Pai, este ou aquele officio, esta ou aquela molestia.

São antiquíssimos os vitrais. Já em 1052 em Dijon, o mosteiro de S. Benigno possuía a Historia de Santa Paschasia num velhissimo vitral.

As catedrais de Châlons-sur-Marne, Mans, Angers, e a igreja de S. Remigio em Reims possuem lindos especimens de vitrais do seculo XII. E Poitiers possui ainda um grande vitral de 1224. Bruges, Chartres, Auxerre, Troyes, Châlons-sur-Marne, Santo Urbano de Troyes são relicarios da alma do vidro, da luz e da Edade-Morta. Os vitrais do seculo XV são surpreendentes de beleza. As vestes são maravilhosas, a luz tomou tons que são o reflexo de gemas preciosas, laminando fulgores, fazendo reverberos, metalizando brilhos. Alberto



Vitraes da «Sala do Capitulo» no Mosteiro da Batalha  
(« Ilhê» do dr. J. F. Cesar Junior)



Durer inspirou alguns vitrais, a Italia deu ideia a outros e a Arte a todos tocou com o sopro divino da sua divina graça.

Com ser antigo o vitral não morreu. Antes, dentro em breve, voltará rodeado de maior esplendor. A parede em vidro substitue hoje a parede em pedra. E para que a luz perca a sua crueza, para que se dome, se domestique, só o prestigio e a doçura do vitral, a sua magia, a sua beleza.

Tambem nós possuímos alguns lindos vitrais. Ha-os em Alcobaca, ha-os na Batalha, ha-os na Pena em Cintra. Tambem entre nós anda um pouco fluidica e sonhadora a alma do tempo medieval. Os vitrais! Encantamento dos olhos, arroubo dos sentidos, verdadeiros milagres de luz e de poesia.



Vitraes da sala do Capitulo do Mosteiro da Batalha  
(«Cliché» do Dr. J. F. Cesar J.º)



Vitraes do palacio da Pena  
(Cintra)

Hoje mesmo, vitral quer dizer evocação. A alma ingenua do povo olha com olhos ingenuos a luz e transfigura-se, desdobra-se, amplifica-se. E' serena e doce aquela luz, tão evocadora, tão convidativa a deixar a alma ir na caravela do sonho distante pela ressurreição do Passado! E todos nós vibramos. Os misticos sonham com o parizo, os cavaleiros com castelos ameitados onde ao cimo da ponte os espera uma dona, os homens d'armas chacinas e degolações. E serena a luz dá ao sonho transparencias suaves, maravilhosas configurações, perfis de iluminura, contornos de fantasia em que cada um tece a seu bel prazer. Os vitraes! Maravilhas, encantamento dos o'hos, arroubo dos sentidos, verdadeiros milagres de luz e de poesia.





# PELA CASA GIL VICENTE

## A TOURADA DOS ACTORES NO CAMPO PEQUENO

As «cuadrillas» desfilando. Os espadas—actor Gomes (El Cava) e João Silva (El Africano)



O grande actor  
Eduardo Brazão  
dirigindo a cor-  
rida dos artistas  
dramaticos



Antes de subir o pano, ou seja o aviso de que só Deus é pae e ninguém pode ser profeta em corridas de bois

Aspecto de um sector, vendo-se os actores Joaquim Costa, Augusto de Melo e Estevão Amarante (o espada «El Fogó»)

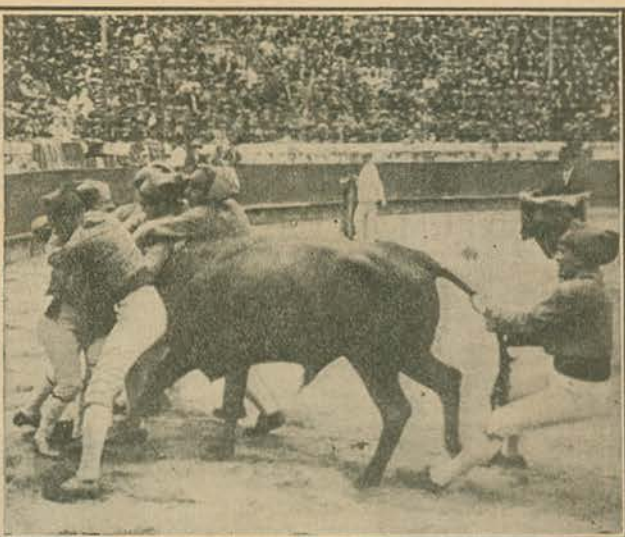
O valoroso e dramático grupo de moços de forcado







Um lance difícil.—O novilho levanta-se ao ar sobre o dorso o cavaleiro e o cavaleiro.



Uma pega rija. Os actores fizeram um-difficil papel, mas saíram-se bem. O espada Amaranthe (El Foze) não fugiu e pelo contrario é uma «esperança muito-prometedora».

(«Clíchés» Garcez)



A parede dos fundadores. Santo Inácio de Loyola, os padres Simão Rodrigues e Rademaker. É toda a historia do inicio jesuitico esta parte do museu



(«Clíchés» Saigado)

## UM MUSEU CURIOSISSIMO

O DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS  
NO CONVENTO DO QUELHAS

No Convento do Quelhas, instituiu o Estado o museu curioso a que nos referimos e que foi ultimamente visitada pela Associação do Registo Civil. É uma bela obra de coordenação e recolha de peças que assim o tempo poupará.



Um aspecto da igreja convertida em sala de museu



ENTRE NÓS E NO ESTRANGEIRO

A BELESA, NA MUSICA  
A ARTE E NO  
E A MULHER TEATRO



MARILYN MILLER

uma das mais apreciadas estrelas do firmamento do «vaudeville»



ANGELITA GOMES

Cançonetista de variedades

CAROLINA MALDONADO

que com sucesso se estreou no Teatro Avenida

(Fot. O Brasil)



FLORENCE REED

que no nota-  
vel drama  
«Força do Des-  
tino» inter-  
preta três per-  
soagens  
notavelmente.





# FIGURAS & FACTOS



1. Na festa de arte que teve lugar no atelier do pintor Matoso da Fonseca: As sr.ªs D. Marlia Córdé Real e D. Alda Rodrigues nas «Rosas de todo o ano», de Julio Dantas.
2. A sr.ª D. Hercília Lima e o sr. Eugenio Neves Lima, chefe de secção do Ministerio do Trabalho, que ultimamente se consorciaram.—(Foto. «Brasil»).
3. A professora de musica sr.ª D. Marlia Alice da Luz Marques, que no Salão da Liga Naval deu uma notavel audição.

4. As alunas da sr.ª D. Marlia Alice da Luz Marques.

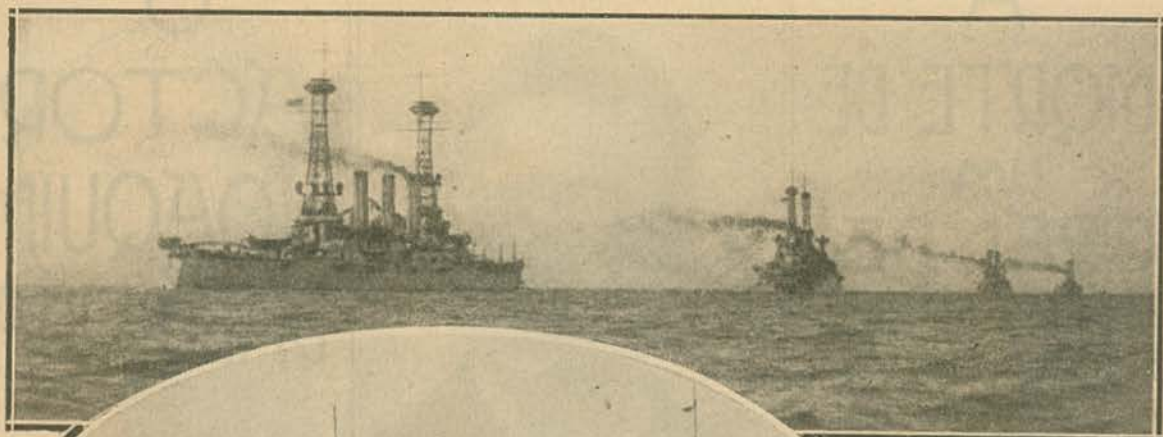


No Geraz. Festa de arte e de beneficencia a favor dos cegos do Porto e dos pobres do Geraz. 1.º plano (da esquerda para a direita): sr.ªs D. Alda Viana, D. Isabel Ribeiro Lopes, D. Angela de Lemos, D. Elvira V. Pereira, D. Tonazila J. Santos Henriques e D. Marlia Rene Gomes Neves. 2.º plano: srs. Dr. Cortez Pinto, D. Marlia Fernanda Matos, D. Emilia M. P. Caldeira, Alfredo Caldeira, D. Olimpia Branco, Antonio de Lemos, D. Rosa Cunha e Dr. Laertes de Figueiredo

(Continua a pg. 14)



# ULTIMOS ECOS DA ESQUADRA AMERICANA



A esquadra deixando o Tejo  
(«Cliché» A. Salgado)

1. Um curioso «specimen» de barco. O navio de reabastecimento da esquadra, E', pode dizer-se, um navio original que se não vê muitas vezes, de umas linhas que teriam estarrecido um velho marinheiro dos barcos antigos, elegantes e veleiros

2. O sr. Presidente da Republica, ministros da Instrução e da Marinha a bordo do «Connelicut»  
(«Cliché» Garcez)



O gasolina em que o Triangulo Vermelho foi á barra despedir-se da esquadra  
(«Cliché» A. Salgado)



Os representantes do Triangulo Vermelho srs. W. H. Stalling, Orton S. Clark, escoteiro Eric-Moreton, Eduardo Moreira e o representante de «o Seculo»

(«Cliché» A. Salgado)



# A MORTE DE UM GRANDE ARTISTA

«A GLORIA DO ACTOR! FOGA-  
CHO QUE O COVEIRO APAGA  
COM A PRIMEIRA PASADA DE  
TERRA.»



# O ACTOR JOAQUIM DALMEIDA

D. João da Camara,  
nos tempos em que por  
ai corria a graça tão  
portuguêsa de Gervasio  
Lobato e Schwalbach,  
graça que não precisava  
de recorrer á porno-  
grafia, para nos sa-  
cudir em gargalha-  
das francas e sadias.

N'esse tempo ti-  
nhamos actores,  
mestres em todos

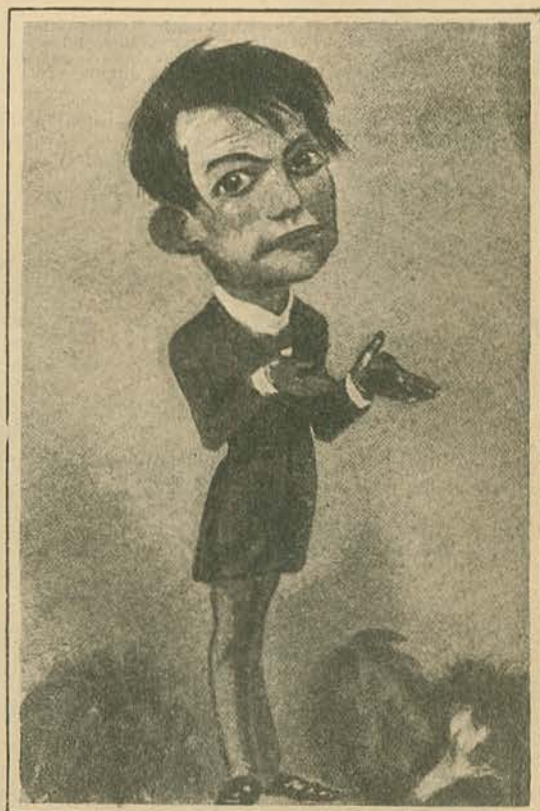
O actor  
Joaquim d'Almeida



Joaquim d'Almeida no «Santo Antonio»

**E**RA nos tempos em que por esses tea-  
tros se fazia arte pura e simples,  
arte sem cabotinagem e sem intuitos  
gananciosos, arte que educava e divertia  
ao mesmo tempo.

Era nos tempos em que o teatro por-  
tuguês se embelesava com as obras de  
Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça,



Joaquim d'Almeida  
(Aquarela de Rafael Bordalo Pinheiro)



os generos de teatro, e era difficil eleger o maior, n'essa pleiade, em que todos eram grandes.

E era assim que então o teatro portuguez se affirmava prestigioso e prospero pela harmonia do seu conjunto.

Joaquim de Almeida, o actor que acaba de morrer, era um dos mais fortes esteios d'esse prestigio e d'essa prosperidade.

E' difficil apreci-lo, com inteira justica, nas multiplicas manifestações do seu talento scenico. Em todos os generos a que se abalançava, da tragedia á farça, a sua realisção era de uma verdade, de um natural tão flagrante que desconcertava.

A sua principal qualidade consistia na mascara histriónica, onde todas as paixões humanas se vinçavam fundas, desde o ridiculo ao sublime.

Nos seus olhos grandes e expressivos, esses pobres olhos quasi cegos ja, ao fecharem-se para sempre, havia um bilho desusado, umas vezes aco-

lhedores e afetuozos, n'outras de uma fria glacial, quando não lhe agradava o tipo que tinha na sua frente. Havia então tres actores que se disputavam o ceptro de rei da gargalhada: Eram Leoni, Vale e Joaquim de Almeida. Os tres tinham graça a fartar e cada um possuia o seu quê, muito pessoal, muito d'ele.

Mas Joaquim de Almeida suplantava-os com a sua naturalidade, com a tal mascara que obediencia á sua vontade creadora, sem o menor desfalecimento. Foi ele o grande mestre de Lucinda do Carmo que, com Joaquim de Almeida, representou as peças que os celebrisaram a ambos. Sobretudo, n'«Nitouche», mestre e discipula confundiam-se e completavam-se. Aquele extraordinario «Florido», que tantos comicos tem arrebatado, foi talvez, no genero alegre, a sua criação que melhor marcou essa faceta do seu talento proteico.

A sua entrada no convento, depois da fuga noturna para os braços da cantora de opereta, a unção no gesto, contrastando com o olhar diabolicamente malicioso, ante as abjurções da abadessa, que Amelia Barros, outra gloriosa, encarnava, eram de um comico inenarravel e irresistivel. Que o digam os seus admiradores de entã, que hoje não poderão eximir-se a uma lagrima furtiva, pela recordação do artista morto, que é ao mesmo tempo a recordação da sua mocidade perdida.

Fazer a lista das peças a que o seu alto e generoso espirito deu vida e gloria, é obra biografica que não cabe na indole d'este artigo.

D'essas, n'um genero completamente oposto á «Mam' selle Nitouche», «Lili» e outros vaudevilles, que ser-



Joaquim d'Almeida «charge» de Carlos Leal



1. Joaquim d'Almeida nos «Pimentas».—3. O enterro do grande actor. O primeiro turno



viram de pedra de toque á sua voz com'ica, é forçoso citar «O Saltimbanco» de Antonio Ennes, em que a sua feição dramática se afirmou segura e indiscutível.

Joaquim de Almeida atecionava particularmente esse papel, em que a sua alma sofria e os seus olhos se enchiam de lagrimas.

O saudoso artista desnor-teou durante muito tempo, transitando do drama para a comedia, transigindo com a revista, e vagabundear dos teatros cotados a palcos inferiores á sua categoria artistica.

Um mal de que enfermam os grandes artistas, os eleitos, os que sentem queima-los o fogo sagrado, os raros que a Arte acaricia, os inspirados da scena: um desejo incessante de movimento, de variedade, uma febre de irradiação constante.

Nos ultimos anos da sua carreira, lá o encaminham para o Normal (o Nacional de hoje) historia de lhe arranjarem mais tarde a reforma, para que ele não morresse, embora com ela tivesse de viver... Ainda ha pouco, Alves da Cunha ofereceu ao seu desditoso colega invalido uma recita, com o intuito de lhe melhorar o passado, que o agravamento da vida reduzira quasi á irrisão.

E assim acabou esse que abalou as plateias, em fremitos de emoção, que as sacudiu, em convulsões de riso.

Esquecido, abandonado mesmo, pelos amigos e admiradores de tempos melhores

O pintor deixa as suas letras, o escultor as suas estatuas, o escritor e o poeta os seus livros, a eternisar-lhes a recordação.

O actor gasta a sua vida no palco para saciar os curiosos de sensações, dá ao mundo o melhor da sua mocidade, do seu espirito, abdica até do seu «eu» em proveito d' outros, e morre, sem de xar nada que perpetue, de uma forma concreta e duradoura, a sua obra, que foi toda a sua vida.

«Os mortos, passam depressa», se d' eles nada fica a recordal-os.

A gloria do actor, fogacho que o coveiro apaga com a primeira passada de terra...

E assim acabou Joaquim de Almeida.

MERCEDES BLASCO.



(Continuação)  
da pag. 10)



Uma visita ao Parque Automovel Militar. O estado em que chegou ás officinas do P. A. M. o material vindo de França



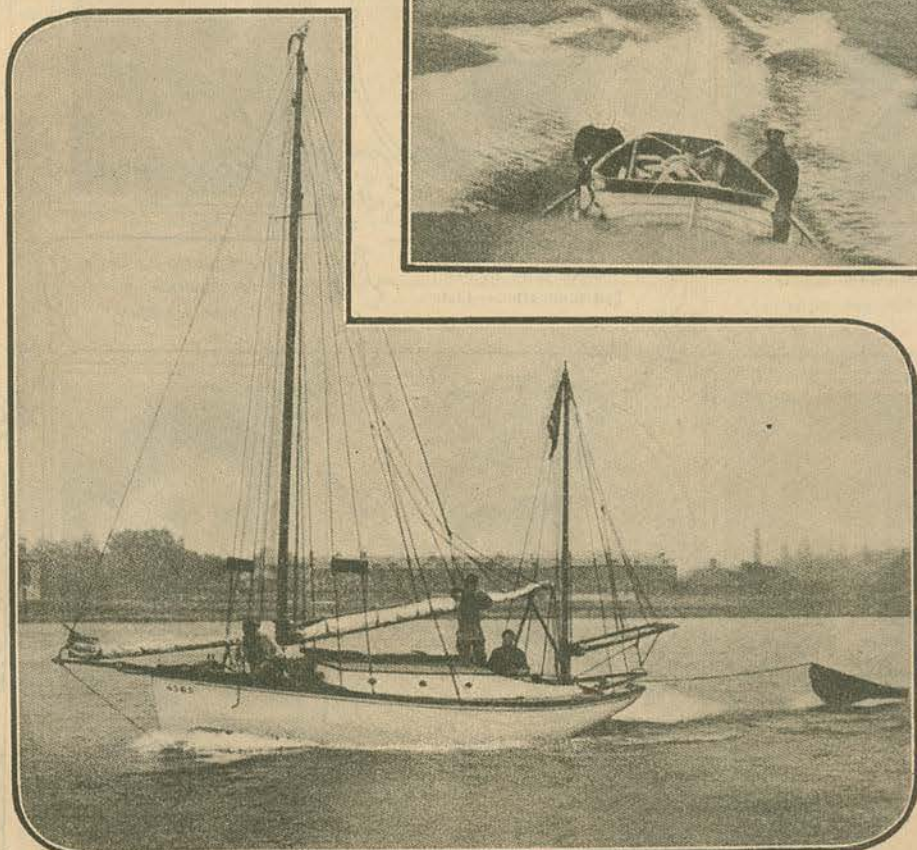
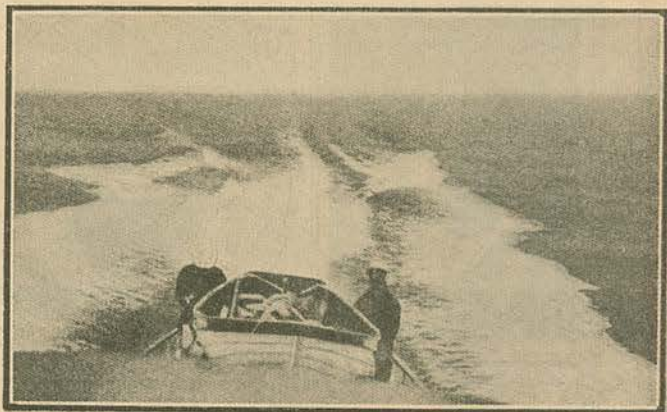
Na festa de arte do atelier Matoso da Ponceca. Aspecto da assistência elegante





# AS MODERNAS INVENÇÕES

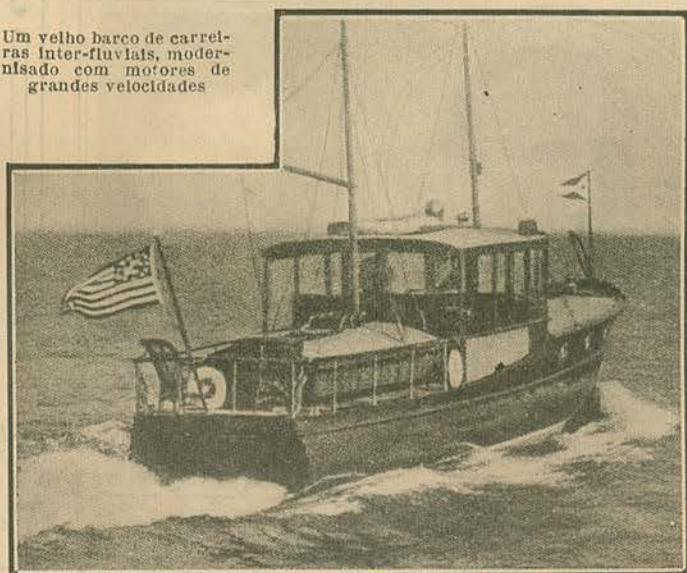
esteira d'um barco-gazolina munido dos modernos motores, que lhe proporcionam o atingir uma notavel velocidade



Um antigo barco de vela a que foi adaptado um motor para grandes velocidades



Um velho barco de carreiras inter-fluviais, modernizado com motores de grandes velocidades



## BARCOS VELOSES

MOTORES DE GRANDES VELOCIDADES

NÓ MAR OU NOS RIOS  
O TEMPO  
TAMBEM REPRESENTA  
DINHEIRO



# OS NOVOS DEPUTADOS



Abolm Inglez  
«liberal»—Aljustrel



João Luiz Ricardo  
«democratico»—Lisboa



Julio Augusto da Cruz  
«liberal»  
Oliveira d'Azemeis



Antonio Mantas  
«liberal»—Guarda



Americo Olavo  
«reconstituinte»  
Funchal



Veiinho Correia  
«democratico»—Silves



Dr. Alberto Ferreira Vidal  
«democratico»—Lisboa



Dr. Antonio Luiz  
Gomes  
«liberal»—Porto



Dr. Ferreira da Rocha  
«liberal»—Vila Real



# O Seculo Comico

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

# MARROCOS



— Viva a Espanha!





## PALESTRA AMENA

## A revolução

As últimas notícias, de fonte autorizada, dizem que já não haverá a revolução que era esperada por estes dias; a peça chegou a entrar em ensaios de apuro, os artistas sabiam perfeitamente os papéis, os empregados tinham gasto grossas quantias, mas afinal não se realizou a recita. Porque, se até a hora já estava marcada, se tinha sido dado aviso aos bombeiros e às autoridades, se o cartaz já tinha o competente «visto», se todas as formalidades tinham sido preenchidas?

N'isto de revoluções como em teatros, nada se pode responder com precisão; mas ás vezes acerta-se e não andará talvez longe da verdade quem, com respeito á d'agora, disser que a culpa da contra-ordem foi... da bilheteira. A boa vontade de autores, actores, empregados, etc., era manifesta; mas faltou o publico. Este não comprou um unico bilhete. Farto de espectaculos semelhantes, ludibriado por vistosos reclamos, percebendo que, depois da recita, nada ganhou antes perdeu o tempo e o seu rico dinheirinho, esteve-se plebeiramente nas tintas para todos, isto é, não se deixou ir no embrulho, pelo

que os que estavam apostos recolheram prudentemente a basfidores—e com isso só tiveram proveito.

E aos que por ventura a estas horas estejam arrependidos de não terem tentado a aventura, diremos que a coisa ainda peor do que a abstenção do publico em concorrer ao espectáculo—é o assistir, patear e indignar-se com a representação, a ponto de partir as cadeiras, saltar ao palco e correr tudo a pau. Já se tem visto.

Ora, foi talvez esta demasia o que se evitou e com isso não temos senão que felicitar-nos todos, publico, empregados, artistas e mais pessoal contratado. Deste genero teatral, o tragi-comico, tem-se abusado muito ultimamente, e se a parte comica é tolerada e tem sempre quem a aprecie, a parte tragica não se grama senão de tempos a tempos—uma vez na vida—e mesmo assim é necessario que seja de autor de grande talento e representada por artistas de muito valor.

Metam a mão na consciencia: temos cá d'uns ou d'outros. em abundancia? Ha oportunidade? Não: logo, viola no sacco é o que ha a fazer.

J. Neutral.

## Tem a palavra o boi

A proposito de virmos a ter toureadas á espanhola tem sido ovridos pelos reporteres os defensores dos dois principios contrarios—o chifre embolado e o chifre ao natural—mas, que nos conste, ainda não foi consultado o principal interessado, que é, sem contestação o boi, vulg touro.

Pois é a esse que mandámos entre-



vistar, prestando-se sua ex.<sup>a</sup> amavelmente a revelar as suas impressões, a fim de as transmittirmos aos leitores.

—V. ex.<sup>a</sup>, começou o nosso reporter, tem lido os jornais, na parte referente aos touros de morte?

O animal mostrou-se admiradissimo e declarou:

—Eu não leio senão o «Seculo Comico», que é o unico periodico desopilante do paiz. E como este não tem tratado do caso...

—Pois vai tratar agora, precisamente. Qual é a opinião de v. ex.<sup>a</sup> sobre o assunto?

—Eu lhe digo. Eu, se quer que lhe fale com a franqueza a que estamos habituados nas lezírias, sou pelas toureadas de morte.

—Como?! pois está disposto a fazer o sacrificio da vida, para entreter as multidões?!

O boi sorriu e observou.

—Distingamos. Eu disse-lhe que era pelas toureadas de morte, mas d'ai a concluir-se que aprovo que me matem ou a qualquer dos meus semelhantes, vai um abismo.

—Não comprehendemos...

—Toureadas de morte, sim, mas sem se matar o boi.

—Cada vez comprehendemos menos...

—O' homem! Eu sou a favor das toureadas em que se matem os lidadores!

—Hein?!

—Admira-se? Vocês acham naturalissimo que se atravesse com uma espada o coração d'um animal, que estava muito bem socegado em sua casa, com sua mulher e seus filhos, e a quem foram buscar para picar e fazer toda a especie de barbaridades; e acham estranho que esse animal deseje a morte de quem tal praticou! Pois quem fór verdadeiramente imparcial não pode pensar de maneira diferente.

—O espectáculo assim perderia toda a beleza.

—Para vocês! Creia que um homem com uns poucos de pares de ban lanchas no cachaço, seria, pelo menos para o boi, muito mais interessante do que um corrupto—como você nos chamam—com iguais enfeites!

—Então?...

—Então, vá-se com esta: quando estiver demonstrado que o touro é mais bruto do que o homem, é possível que a minha opinião seja outra; por enquanto porém, estou «fixe» no que lhe disse, porque o que é certo é que, pelo modo como o homem se porta para commosco, é muito mais besta do que nós.

## Ai! seu kaiser!

Esta coisa d'uma pessoa nascer filho de reis é uma espiga de todos os diabos—porque, seja qual fór a vocação que tenha, é obrigado a trocá-la.

Assim, sabem os senhores qual era a vocação do nosso particular amigo Guilherme II. que fingia durante muito tempo de homem de guerra? Jardineiro.



ro, nem mais nem menos. Agora, que pode satisfazer as naturais necessidades do seu espirito, passa os dias nos jardins do exilio, cultivando rosas, com todo o esmero.

«Cherchez le naturel, il revient au galop»—dizem os francezes, ou, como traduziriam certos cavalheiros que nós conhecemos, «expulsa o natural ele revem ao galope...»

## Torre de Chifre

aos americanos

Sando os bravos marinheiros  
Lá da America do Norte  
Que vieram por nossa sorte  
Ser os nossos companheiros

Lindos barcos e vapores  
Estiveram ai no Tejo!  
Formavam famoso cortejo  
Bem digno dos nossos louvores!

Dêmos-lhes o nosso coração  
Que mais não podiamos dar  
Eles o levam pelo mar,  
Levam a nossa afeição.

Sua bandeira estrelada  
Reflectida na bacia  
Não sei o que me parecia  
Toda de seda dourada!

Oxalá que voltem breve  
Portugal a visitar;  
Todos somos heroes do mar,  
A gloria aos dois se deve!

ALFREDO T. BASTOS





## TEATRADAS

## Carta do Jerolmo

Crida Zefa dum anjo

Lanseo mais uma vez mão da pena pra te dezer c' a minha ó fazer desta é v'oa grassas a Deus pra sempre i que istimo que estas duas rregras te v'ã incuntrar com cand' i mal a uvigação. Agora canto a triatos u grande qucesso é «Os cedutores» que ce cantaram — ai, esculpa! — arreperantaram uma noite de estas in sam Calros cuja aquela é uma pessa munto ó calhar cá prá velhada porque é ovelho Albuquerque terribil que faz andar a cabessa ó redol a tondas as caxopas verbi in gracia: á Cunstansa Narrava i á Amelinha Oulassa. Purgunta a jente; que dianhos de quindins terá u Albuquerque prás caxopas acim gostarem d'ele i porque é cu otor nau u faria novo? Mas lá diz a Amelinha que é pur elle cer um ome caprior i de munto talento i vai daim cumo n' n' diz nada que amostru u dito talento antes pelo cuntraio já ce çabe que nan pode dechar de cer conforme arriba ta digo u Albuquerque terribil que foi vise-rei da india. Ora bem — a Amelinha é filha du Robles que tamem foi um grande cunquistador nus ceus tempos i ajudas agora arrebita as urelhas cando calha passar ó pé duma caxopa v'oa i é ó mesmo tempo filha duma sinhora munto pouco ceria que murreu felizmente in antes de cumessar a pessa cenão tiuha-



mos de tamem le gramar as xuradeiras U Robles é munto istérico i lá de vez in cando tem bisões i vé a mãe da filha na cara da filha da mãe i tem um medo de mel diabos ca filha saia á mãe. E é que çai, c' a dianhos! O Albuquerque disle duas tretas, cum u tal talento, numa language munto catita cumo ce acostuma usar cando se quer caduzir uma custureira i ela cai logo i inté fica graveada, tadinha. Pois sim: mas a Cunstansa que estava pedida in casamento pello Albuquerque á um rôr d'anos, dénes que elle foi prá india? Intão resolvem tondos ir in outubro pró Buçacc: Albuquerque, Robles, Amelinha, Cuns'ansa i Maria Judeco, que é a mãe da Cunstansa. All é que ção elas! A Amelinha çabe cu Albuquerque pediu a Cunstansa i quer atrair-ce da baranda a bacho, a Cunstansa, que istá mémo na ispinha olive a cuversa entre u Albuquerque i a Amelinha, caquilo berraram tanto que inté ce oiviu no luso



canto mais ali a dois paços; u Robles çonha cu a sua filha i bumba zás tráz nu caneco acaba u ato sim atar sim dasatar mas lá vem o tersero in ca Maria Judeco vem dezer ca filha já está v'oa munto uvrigado i que fundou nu asilo prás criaças proves i vai bota esta piada, pouco mais ó menos: — «Nos dias çubsequentes nan fez çenão verter largulmas inseçantes!» Pois sim, mas paçades us dias çubsequentes nan verteu mais i u Albuquerque vince livre d'aturar aquela carga des oços i intão arresolvece defenetivamente — já nan é cem tempo, porque era i hora da noite cando ce arresolve a casar cum a Amelinha «que é u pecado i incanto ca Cunstansa era a virtude» diz ele á Amelinha, que nan le deu logo duas bufetadas porque é mais bem indncado ca ela.

Agora u millhor da pessa nan é nada d'isto: — u millhor é u sr. Luiz cujo este tem um amigo i um cão predigneiro de munta istimasão i que ó tondo pão pão quejo quejo i fasso indeá cum a franqueza que ele tem u que terá dito ó otor ós pois du pano dezer mas u millhor é nan falarmos in coisas tristes i esprar pur oitra pessa du mémo otor que é rapaz de abelidade i que nan deve desanimar — tamem o Carpenté é u valente i spanhou pró ceu tabaco. Prá oitra vez sará. E cum isto nan te infado mais arresebe çoidosos abrasos i dá çoidades miuhas a quem pur mim prégnatar que eu prá cemana u mais tradar af istou a paçar us dois mezes du questume que já t'auho muntas çoidades dos noços bacros da noça brón das noças órtalicas da noça anjo i ede setra teu inté cando Deus noço sinhor for cervido.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de PerasRulvas

## EM FOCO

## Dempsey

3ª pena separar-nos o Oceano,  
Não viver aqui perto, a quatro passos.  
Para saber na força destes braços  
Quanto vale um atleta lusitano.

Bastava qu: eu lhe desse um só banana  
Para o fazer voar p: los espaços,  
Cair depois em trinta mil pedaços  
Que só se aproveitavam no guano.

Nem tanto era preciso, meu menino;  
Se você cometer o desacerto  
De vir a Portugal fazer-se fino

O achamento é certo e mais que certo:  
Arremesso-lhe um verso alexandrino  
Que o deixa, coitadinho, sem concerto!

BELMIRO

## Francês-português

## Aos traductores

De vez em quando pomos á prova os literatos, conhecedores do português e do francês, publicando versos nesta lingua para eles traduzirem para a nossa. Que a ideia agrada, provam-no os numerosos versões que recebemos — e agora, como nas estancias de veraneio é difficil passar o tempo distraidamente, aí vai para os curiosos mais uma poesia, da revista teatral «Paris qui marche». Os traductores podem mandar-nos os seus trabalhos até fins de Outubro. Três meses devem chegar para fazerem coisa de geito... Ella aí vai:

Si Roméo flirtait maint'nant  
Avec Juliette

Juliette serait assurément  
Bien moins bête!

Elle trouverait extrê'ment banal  
L'ancien système,

Et n'prendrai: l'air virginal  
Pour dir: Je t'aime!

Elle s'écrierait: Mon gros lapin,  
Puisque tu m'gobes...

Paye-moi tout de suite un bel écrivain  
Et d'joli's robes!

Pendant qu'on entendrait le chant  
De l'olouette

Voilà c'au'à Roméo maint'nant  
Dirait Juliette!

## Correspondência

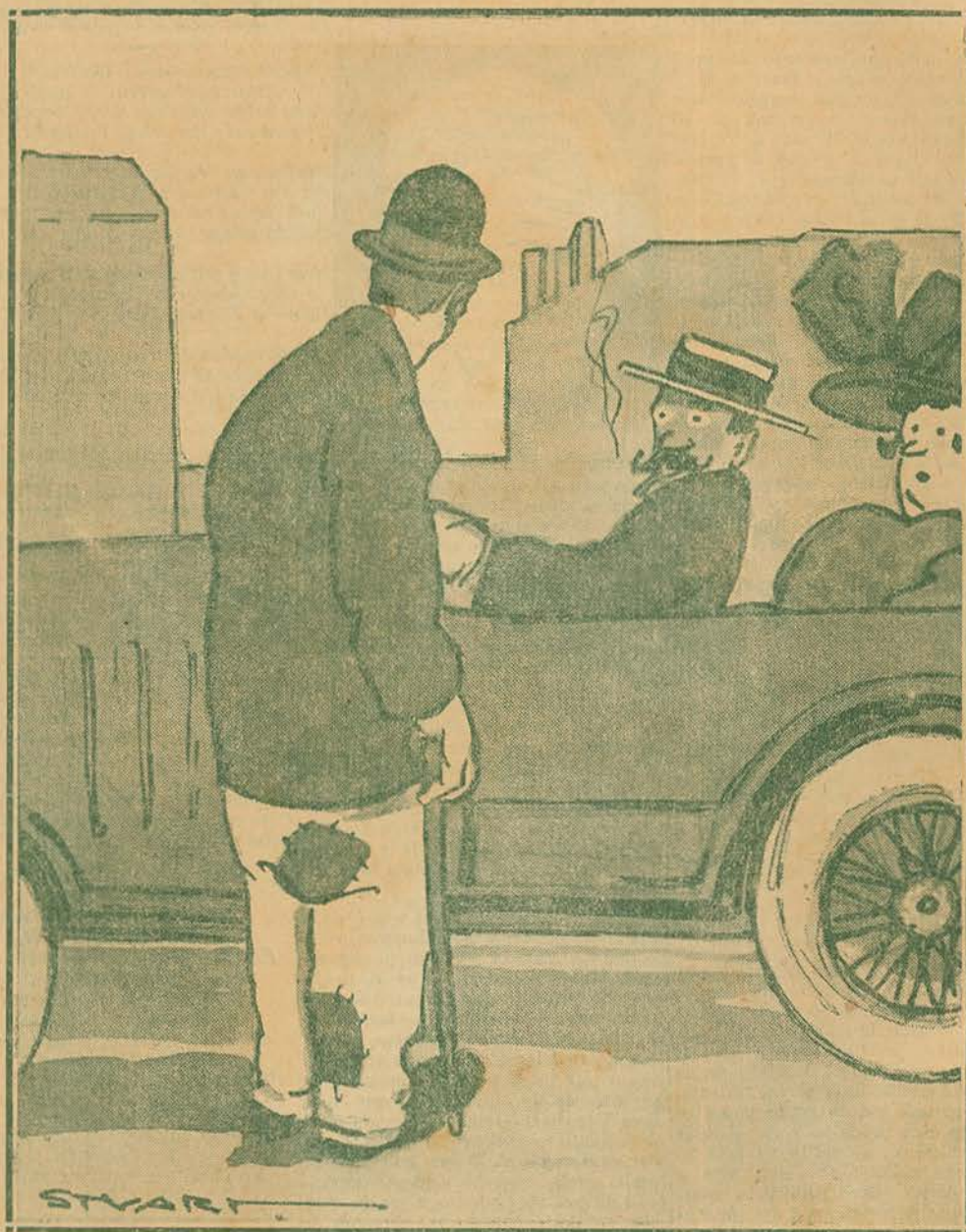
AMELIA G. — Aí vai uma das suas quadras, mas não abuse:

O teu cabelo d'aneis  
Lembra-me o resplendor  
Pintado nos painéis  
De Deus Nosso Senhor.

Lindol



Dollars! dollars! dollars! dollars! dollars!



— Tu de automovle ó Chico?

— E' cumo canta. A minha senhora é que forneceu os ovos ós americanos...